



INICIAÇÃO À MUSEOLOGIA

caderno de apoio

ISABEL M. MOREIRA

Isabel M. Martins Moreira

Iniciação à Museologia
caderno de apoio

Universidade Aberta
1994



Capa: *Memórias Sobrepostas*, composição fotográfica de Rocha de Sousa

Copyright © **UNIVERSIDADE ABERTA - 1994**
Palácio Ceia • Rua da Escola Politécnica, 147
1200 Lisboa

DL: 80.219/94
ISBN: 972-674-136-X

UNIVERSIDADE ABERTA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO
1994

UNIVERSIDADE ABERTA
1994

INICIAÇÃO À MUSEOLOGIA

7 INTRODUÇÃO

9 1. OBJECTIVOS DA APRENDIZAGEM POR CAPÍTULO

I. BREVE HISTÓRIA DO MUSEU EM PORTUGAL

11 Objectivos da aprendizagem

12 Proposta de actividades

II. MUSEUS NA ACTUALIDADE

13 Objectivos da aprendizagem

14 Proposta de actividades

III. O OBJECTO COMO GERADOR DE INFORMAÇÃO

15 Objectivos da aprendizagem

16 Proposta de actividades

IV. TRATAMENTO MUSEOGRÁFICO

17 Objectivos da aprendizagem

18 Proposta de actividades

V. O DISCURSO EXPOSITIVO

19 Objectivos da aprendizagem

20 Proposta de actividades

VI. ARQUITECTURA DO MUSEU

21 Objectivos da aprendizagem

22 Proposta de actividades

VII. CONSERVAÇÃO E CONDIÇÕES AMBIENTE. SEGURANÇA

23 Objectivos da aprendizagem

24 Proposta de actividades

VIII. MUSEUS DE ARTE

25 Objectivos da aprendizagem

26 Proposta de actividades

IX. MUSEUS DE ARQUEOLOGIA

27 Objectivos da aprendizagem

28 Proposta de actividades

X. MUSEUS DE HISTÓRIA NATURAL

29 Objectivos da aprendizagem

30 Proposta de actividades

XI. MUSEUS DE CIÊNCIA E TÉCNICA

31 Objectivos da aprendizagem

32 Proposta de actividades

XII. MUSEUS DE REGIÃO

33 Objectivos da aprendizagem

34 Proposta de actividades

35 **2. VIDEOGRAMAS**

41 **3. ÍNDICE IDEOGRÁFICO**

49 **4. ÍNDICE ONOMÁSTICO**

DL 30/2001

ISBN: 972-987-1-1

INTRODUÇÃO

Este Caderno de Apoio ao bloco multimedia INICIAÇÃO À MUSEOLOGIA tem como objectivo facilitar a sua abordagem motivando o aprendente para a leitura de um suporte escrito – o manual –, e, simultaneamente, estabelecer uma ligação com o seu suporte visual constituído por doze videogramas e uma colecção de diapositivos.

A preocupação central foi, pois, ajudar o aprendente na compreensão e aprendizagem dos temas propostos neste conjunto de materiais didácticos, especificando os objectivos da aprendizagem de cada Unidade do manual, sugerindo actividades a realizar, propondo formas de abordagem dos conteúdos.

Atendendo ao exposto, este Curso apresenta a seguinte estrutura:

- um **texto-base**, que corresponde ao manual, onde encontrará abordagens diversificadas, todas elas ligadas ao tema «Museologia». Em cada Unidade apresentam-se «Sugestões de Leitura» para uma consulta mais pormenorizada e especializada sobre os temas ali tratados. No final do manual inclui-se uma «Bibliografia Geral» referente à globalidade dos conteúdos;
- um **suporte audiovisual** constituído por um conjunto de doze *videogramas* e uma colecção de *diapositivos* que complementam o texto escrito, reforçando, deste modo, o tratamento de alguns temas, conceitos e objectivos da aprendizagem que julgamos fundamentais;
- um **Caderno de Apoio**, onde são apresentados os objectivos da aprendizagem por Unidade, bem como algumas propostas de actividades a desenvolver pelos aprendentes. Como poderá constatar no decorrer da sua aprendizagem, os elementos que constituem esta Disciplina estão intencionalmente interligados. Para facilitar o seu estudo foram organizados **Índices Ideográficos e Onomásticos** que lhe permitirão localizar e cruzar os conteúdos científicos tratados nos diferentes suportes deste curso;
- as **provas de avaliação** adoptadas constarão de dois *Testes Formativos* obrigatórios, a enviar à Universidade Aberta, e de um *Teste Somativo*, a realizar num estabelecimento de ensino presencial que lhe será indicado na oportunidade. Permita que lhe recordemos que neste regime de ensino a distância as actividades de auto-avaliação revestem-se de grande importância para a sua aprendizagem e progressão nos estudos.

As actividades de treino sugeridas no **Caderno de Apoio** referentes a cada Unidade e as provas de avaliação formativa permitirão ao aprendente, através da sua resolução, verificar os progressos da sua aprendizagem e identificar quais os conteúdos que lhe suscitaram mais dificuldades. Pretende-se, ainda, que a resolução destas actividades conduza o aprendente a reflectir e a questionar-se sobre o tema central desta Disciplina – o património cultural português –, confrontando-se, deste modo, com situações reais do seu quotidiano.

Obviamente que os objectivos subjacentes à existência destas actividades só serão inteiramente alcançados se o aprendente as concretizar no decurso do seu

processo formativo. cremos, assim, que será da maior relevância a sua resolução para atingir plenamente os objetivos da sua aprendizagem. Este modelo de auto-avaliação implica, pois, um grande empenhamento da sua parte, tarefa que ninguém poderá substituir.

1. OBJECTIVOS DA APRENDIZAGEM POR CAPÍTULO

I. Breve História do Museu em Portugal

Objectivos da aprendizagem:

Após o estudo desta Unidade, o aprendente deverá estar apto a:

- enquadrar a criação dos museus portugueses em movimentos sociais com marcado carácter político e histórico em Portugal;
- entender a evolução da museologia portuguesa no quadro mais amplo da museologia europeia;
- identificar as grandes etapas do movimento museológico português;
- distinguir as fases de criação dos museus portugueses a partir dos seguintes critérios: concepção, temática, amplitude, acessibilidade, implantação geográfica e institucional, etc;
- reconhecer no conceito de «museu» a evolução da sua concepção ao longo do tempo e enquadrá-lo na dinâmica da história das mentalidades;
- associar às diferentes concepções de «museu» as personalidades e instituições intervenientes em movimentos de carácter político e ou museológico portugueses.

Acompanhe o estudo desta Unidade com o visionamento dos videogramas intitulados **Aproximação à História do Museu em Portugal (Primeira Parte e Segunda Parte)**, da autoria de Isabel M. Martins Moreira e Paulo Oliveira Ramos, bem como dos diapositivos sobre esta temática.

Proposta de actividades:

Em todas as sociedades existe uma «memória colectiva», que é construída pelos seus membros, numa tentativa de assim compreender o seu passado e justificar a vivência do presente.

Um álbum de fotografias antigas pertencentes à sua família permite-lhe reconstituir vivências mais ou menos próximas e visitar «recordações». Estas serão para si o ponto de partida para compreender a ligação entre gerações e estabelecer entre elas um elo de comunicação.

Estas imagens do passado não constituem unicamente uma memória isolada. Elas reflectem, inevitavelmente, a memória de um grupo na complexidade dos seus percursos de vida.

Esta breve reflexão sobre a «memória individual» e a «memória dos grupos» pode incentivá-lo a «olhar» um museu como uma criação cultural e nele tentar encontrar o fio condutor, as explicações, os comportamentos, as mentalidades, em suma, uma reconstituição possível das imagens do passado.

A reconstituição histórica que lhe é proposta numa exposição permanente ou temporária de um museu será sempre um desafio de recriação de imagens do passado sujeitas, também, pela construção do presente.

Nesta perspectiva, visite um museu, independentemente da sua localização, temática ou amplitude, e tente identificar a concepção e evolução desse «espaço museológico» ao longo da sua história.

II. Museus na Actualidade

Objectivos da aprendizagem:

O estudo desta Unidade deve conduzir o aprendiz a:

- destacar no conjunto do património museológico português os museus, instituições e organismos nacionais e internacionais implicados na concepção e criação de um novo tipo de «museu»;
- identificar as práticas museológicas existentes em Portugal, a partir da década de oitenta;
- enquadrar a evolução da museologia portuguesa das duas últimas décadas no quadro mais amplo dos movimentos museológicos internacionais;
- reconhecer, simultaneamente, na concepção de «museu» o alargamento dos conceitos de «património» e «objecto museológico» e a sua implicação na renovação e criação de novos museus;
- entender a mudança e a renovação dos museus portugueses na actualidade, centrando-se na diversidade das novas temáticas tratadas, na criação de uma outra imagem e no seu interesse para a comunidade;
- perceber a importância da participação das populações locais na criação e manutenção dos mais recentes espaços museológicos portugueses enquanto construções da sua «memória colectiva» e no reconhecimento da sua «identidade» como património comum.

Acompanhe o estudo desta Unidade visionando o videograma intitulado **Museus na Actualidade**, da autoria de António José C. Maia Nabais, e os diapositivos apresentados sobre este tema.

Proposta de actividades:

As reflexões no seio do movimento museológico internacional levou museólogos e outros profissionais ligados à museologia a alargar o conceito de «museu», a conceber e a criar espaços museográficos, abordando novas temáticas, quase sempre ligadas à evolução rápida das sociedades contemporâneas.

Portugal não ficou alheio a este movimento. Assim, propomos-lhe que, no quadro do movimento museológico português, identifique os espaços museográficos referentes a esta concepção de «museu».

III. O Objecto como Gerador de Informação

Objectivos da aprendizagem:

O aprendente, após o estudo desta Unidade, deverá saber:

- diferenciar uma «colecção» de um «museu»;
- enquadrar qualquer objecto da cultura material como potencial «objecto museológico»;
- distinguir nos diferentes museus de Ciência e da Técnica, os pertencentes à primeira e à segunda geração;
- tipificar estes museus tomando como referência as suas características temáticas, actividades didácticas e expositivas, amplitude, implantação geográfica e institucional, acessibilidade, actividade de investigação como geradora de informação e criadora de uma memória colectiva;
- reconhecer as diferentes origens e proveniências dos «objectos museológicos» que chegar ao museu;
- apropriar-se dos «objectos museológicos» para a partir deles compreender os contextos históricos, sociais, culturais e económicos da sua produção e utilização.

O estudo desta terceira Unidade deverá ser acompanhado com o visionamento do videograma **O Objecto como Gerador de Informação**, da autoria de Fernando Bragança Gil, e dos diapositivos sobre este tema.

Proposta de actividades:

A colecção, ou melhor, a recollecção é sempre uma construção que implica a valorização de alguns objectos em detrimento de outros. Na impossibilidade de «guardar» uma gama quase ilimitada de objectos, o museólogo detém o poder de «seleccionar», de «guardar», de «conservar», de «exibir». Mas o que é, também, extremamente relevante na actividade do museólogo é a possibilidade de transpor estas barreiras e construir uma nova atitude perante os «objectos museológicos».

Na convicção de que todos os objectos são potencialmente «museológicos», o museólogo depara-se com novos desafios museográficos. Compreender um objecto, agir sobre ele, é, acima de tudo, fazê-lo falar, construir uma história.

Tomando em consideração esta nova atitude do museólogo perante as potencialidades museológicas de qualquer objecto, seleccione, de entre um espólio que lhe seja acessível, um conjunto de objectos que o representem e idealize uma proposta de exposição temporária a realizar no âmbito das actividades regulares de um museu.

IV. Tratamento Museográfico

Objectivos da aprendizagem:

Após o estudo desta Unidade, o aprendente deverá:

- reconhecer, numa perspectiva museológica moderna, o papel atribuído aos museus enquanto espaços de lazer e de entretenimento público;
- identificar as várias fases do tratamento museográfico de um potencial «objecto museológico» a partir do momento em que este entra num museu;
- enumerar as etapas técnicas do tratamento museográfico de uma peça independentemente da sua natureza;
- reconhecer a necessidade de intervenção de técnicos especializados no tratamento museográfico de um objecto;
- adaptar aos procedimentos de rotina do tratamento museográfico as mais recentes técnicas de processamento informático;
- repensar a concepção dos espaços do museu atribuindo-lhes mais funcionalidade para os técnicos que ali desenvolvem a sua actividade profissional e, também, para o(s) público(s) motivando-o(s) para novas visitas e permanências nos espaços que lhe(s) são reservados;
- enquadrar uma peça, enquanto unidade isolada e com identidade própria, no contexto mais vasto que é um «espaço museológico»;
- criar, na diversidade temática das exposições, novas propostas de abordagens e reflexões a partir da coerência do conjunto dos objectos expostos.

O visionamento do videograma intitulado **Tratamento Museográfico**, da autoria de Maria Beatriz Rocha-Trindade, Fernando Bragança Gil, Ana Isabel Palma dos Santos e Fernando António Baptista Pereira, e dos diapositivos seleccionados deverá acompanhar o estudo desta Unidade.

Proposta de actividades:

O tratamento museográfico de um «objecto», independentemente da sua natureza, requer a intervenção de vários técnicos ligados especificamente à museologia.

Como actividade de treino para esta Unidade, propomos-lhe que considere a entrada de um objecto num museu e, de entre as propostas de tratamento museográfico que lhe são sugeridas no manual, proceda ao registo do referido objecto, escolhendo para o efeito as mais adequadas para cada fase.

V. O Discurso Expositivo

Objectivos da aprendizagem:

O estudo desta Unidade deve levar o aprendente a:

- reconhecer no «museu», enquanto instituição cultural, a importância da «exposição» – instrumento da sua linguagem particular –, como uma das suas funções privilegiadas de comunicação;
- identificar os objectivos da «comunicação museológica»;
- tipificar a variedade de exposições;
- definir as grandes etapas da evolução do «discurso expositivo» no contexto da museologia portuguesa;
- associar diferentes concepções do «discurso expositivo» a personalidades, instituições e organismos intervenientes no movimento museológico português;
- conceber e organizar as etapas conducentes à realização de uma exposição, tendo em linha de conta a sua temática e amplitude;
- assumir o papel de «museólogo» no seio de uma equipa pluridisciplinar, tendo como objectivo central conceber e organizar um espaço muito particular – a «exposição»;
- valorizar o objecto e o contexto envolvente, enquanto instrumentos privilegiados de comunicação, em detrimento de outros tipos de discursos, neste caso secundários – a escrita e ou os audiovisuais.

O estudo desta Unidade deverá ser complementada com o visionamento do videograma intitulado **A Exposição**, da autoria de António José C. Maia Nabais e José Maria Cruz de Carvalho, e dos diapositivos que lhe estão associados.

Proposta de actividades:

É do conhecimento geral, diria mesmo, quase do senso comum, que muitas das tradições artesanais do nosso país se estão a perder devido a factores que não cabe de momento mencionar.

O que lhe propomos, como exercício nesta Unidade, é a concepção de uma Exposição Temporária sobre a(s) actividade(s) artesanal(ais) ainda existentes numa qualquer região do nosso país que deixamos à sua escolha.

Para a concretização desta actividade tome em consideração a proposta de concepção e organização de uma exposição apresentada pelos autores desta Unidade, assumindo o papel de museólogo na equipa pluridisciplinar que possa constituir para o efeito.

VI. Arquitectura do Museu

Objectivos da aprendizagem:

O aprendente, depois de ter estudado esta Unidade, deverá estar apto a:

- reconhecer a evolução da arquitectura dos museus no contexto internacional e nacional, desde as primeiras experiências museográficas até aos nossos dias;
- definir os papéis do arquitecto e do conservador, no quadro de uma equipa de trabalho, na concepção e construção de um espaço museológico;
- identificar as diferentes áreas, estruturas e serviços inerentes a um museu, tendo em atenção a existência, ou não, de um espaço museológico pré-existente;
- caracterizar as várias áreas de um museu, observando condições de acessibilidade aos visitantes e, simultaneamente, as reservadas expressamente para os técnicos e especialistas envolvidos nas actividades museológicas a empreender.

Acompanhe o estudo desta Unidade com o visionamento do videograma **Arquitectura de Museus**, da autoria de José A. F. Sommer Ribeiro e Luís Efreim Elias Casanovas, e dos diapositivos que lhe são afins.

Proposta de actividades:

Face às concepções defendidas pelos autores desta Unidade temática escolha um museu e elabore um comentário crítico acerca das condições de instalação das suas diversas áreas de funcionamento.

VII. Conservação e Condições Ambiente. Segurança

Objectivos da aprendizagem:

O aprendente, depois de ter estudado esta Unidade, deverá estar apto a:

- identificar normas de conservação e segurança e relacioná-las com a arquitectura do museu;
- inventariar os factores de degradação a que os objectos museológicos poderão estar sujeitos, a partir do estudo das colecções presentes num espaço museográfico;
- adaptar as normas gerais de conservação e segurança aos objectos museológicos, ou melhor, a cada «peça» em particular;
- analisar os diversos factores de degradação no quadro geral da conservação de objectos museológicos e controlar os factores da sua incidência;
- reconhecer a necessidade da existência de elementos de segurança no museu, quer técnicos, quer humanos;
- enumerar os factores de risco potencialmente presentes no museu;
- implementar medidas de segurança tendo presente uma situação museográfica concreta.

Tal como procedeu na Unidade anterior, acompanhe o estudo desta sétima Unidade com o visionamento do videograma intitulado **Arquitectura de Museus**, da autoria de José A. F. Sommer Ribeiro e Luís Efreim Elias Casanovas, e dos diapositivos sobre esta temática.

Proposta de actividades:

Qualquer «espaço museográfico» requer imprescindíveis medidas de Conservação e Segurança. Além da acção (muitas vezes destruidora) do Homem, todos os objectos museológicos, independentemente da sua natureza, estão sujeitos a vários factores de degradação e até de destruição. Para evitar estes malefícios, todas as equipas de profissionais ligados aos museus têm de precaver situações de risco.

A partir do estudo do acervo de um museu as medidas de conservação e segurança têm que ser aplicadas e adaptadas praticamente a cada «peça» devido à sua natureza e a muitos outros factores, como constatou no decorrer do estudo desta Unidade.

Tomando como ponto de partida a concepção e organização de uma Exposição Temporária, actividade já proposta na Unidade n.º 5, elabore um relatório minucioso relativamente à conservação e segurança das peças seleccionadas para a referida exposição.

VIII. Museus de Arte

Objectivos da aprendizagem:

O estudo desta Unidade deverá permitir ao aprendente saber:

- descrever a origem e evolução da constituição das Colecções de Arte no plano museológico internacional e nacional;
- enquadrar a criação e evolução dos Museus de Arte em movimentos históricos e políticos;
- distinguir as diferentes concepções de «coleção de arte» e «museu de arte» ao longo do tempo;
- associar personalidades, instituições e organismos à criação e implementação dos Museus de Arte em Portugal;
- reconhecer a natureza e diversidade de objectos artísticos existentes nos Museus de Arte ou presentes em museus vocacionados para outras temáticas e amplitude.

O estudo desta Unidade deverá ser complementado com o visionamento do videograma intitulado **Museus de Arte**, da autoria de Fernando António Baptista Pereira, e do conjunto de diapositivos relativo a este tema.

Proposta de actividades:

Os objectos artísticos tiveram um grande destaque na criação de vários museus portugueses ao longo do tempo. Embora a proveniência das «peças» não tenha tido sempre a mesma origem, o certo é que lhes foi atribuída uma posição de relevo na constituição do acervo de vários museus. Neste contexto, podemos referir museus nacionais e, também, secções ou núcleos de arte espalhados por outros museus de menor amplitude.

É, pois, consensualmente aceite que os objectos artísticos sempre foram muito valorizados, para além da sua diversidade temática, como objectos de grande interesse museológico.

Atendendo ao exposto, é sugerida como actividade a visita a vários museus que possuam objectos de arte e a elaboração de um inventário, se possível, com a origem e a natureza das peças expostas.

IX. Museus de Arqueologia

Objectivos da aprendizagem:

O aprendente, depois de ter estudado este capítulo, deverá estar apto a:

- distinguir as diferentes concepções de Arqueologia, enquanto ciência histórica, no seio das correntes historiográficas, neste século;
- definir o papel do arqueólogo enquanto historiador e museólogo;
- reconhecer a necessidade da existência de requisitos programáticos aplicados, neste caso, aos Museus de Arqueologia e Sítios Arqueológicos, em Portugal;
- identificar os Museus de Arqueologia portugueses a partir da sua concepção, criação, temática, origem dos objectos arqueológicos, natureza das exposições, localização e amplitude;
- organizar uma exposição temporária ou permanente com objectos arqueológicos;
- associar personalidades, instituições e organismos à criação e implementação dos museus portugueses com colecções arqueológicas.

Acompanhe o estudo desta Unidade com o visionamento do videograma **Museus de Arqueologia**, da autoria de Luís Raposo, e dos diapositivos escolhidos para complementar este tema.

Proposta de actividades:

Luís Raposo propõe-lhe uma classificação para os Museus e Sítios Arqueológicos em Portugal. Tome em consideração esta proposta e ao visitar um destes locais tente identificar a concepção que presidiu à criação desse museu ou sítio, a partir dos parâmetros delineados pelo autor.

X. Museus de História Natural

Objectivos da aprendizagem:

O estudo desta Unidade deverá conduzir o aprendente a:

- enquadrar o surgimento e evolução dos museus de História Natural no plano internacional e nacional;
- identificar e caracterizar as diferentes etapas, ou melhor, «gerações» de desenvolvimento deste tipo de museus;
- reconhecer o papel científico e pedagógico dos Museus de História Natural nas sociedades contemporâneas;
- distinguir os diferentes «níveis de informação» que o objecto museológico pode fornecer ao público, tendo em atenção a diversidade cultural e etária dos visitantes;
- conceber actividades diversas em torno das temáticas das exposições recorrendo para isso às Novas Tecnologias, com o objectivo de valorizar o objecto museológico e otimizar o espectáculo museográfico criando, assim, grandes potencialidades formativas e de divulgação dos museus de História Natural.

Para o estudo desta Unidade proceda ao visionamento do videograma **Museus de História Natural**, da autoria de António Galopim de Carvalho, bem como dos diapositivos relacionados com esta temática.

Proposta de actividades:

António Galopim de Carvalho defende que a utilização das novas tecnologias nos Museus de História Natural podem valorizar as exposições – permanentes ou temporárias –, independentemente das suas temáticas, criando assim espaços museográficos mais atraentes para públicos ligados à escolarização ou dela afastados.

O objectivo central destas iniciativas é atrair visitantes que não estejam muito familiarizados com a divulgação desta área de conhecimento científico.

Como actividade de treino nesta Unidade, é-lhe proposta a concepção e o plano de implementação de uma exposição temporária, cuja temática deixamos a seu cargo. Seguindo a proposta do autor utilize bases de dados informatizadas com informações complementares ao tema da exposição.

XI. Museus de Ciência e Técnica

Objectivos da aprendizagem:

O aprendente, após o estudo desta Unidade, deverá saber:

- identificar os princípios gerais deste tipo de museus;
- distinguir os objectivos específicos dos Museus de Ciência e Técnica dos de História Natural;
- caracterizar as etapas museográficas dos Museus de Ciência e Técnica;
- destacar as potencialidades educativas que os Museus de Ciência e Técnica podem desenvolver junto dos visitantes;
- salientar a natureza interactiva das exposições destes museus (ao nível da 3.ª geração), nomeadamente no que se refere à participação activa dos visitantes, convidando-os a intervir na própria exposição.

Complemente o estudo desta Unidade com o visionamento do videograma intitulado **Museus de Ciência e Técnica**, da autoria de Fernando Bragança Gil, e dos diapositivos seleccionados.

Proposta de actividades:

Os Museus de Ciência e Técnica tendem a dinamizar, cada vez mais, as suas exposições através da demonstração experimental de fenómenos e de leis científicas criando em muitos casos situações de interactividade.

Este tipo de exposições exige um enorme empenhamento dos visitantes, pelo facto de estes poderem manusear os próprios objectos, o que não acontece com a grande maioria dos outros museus.

Desta vez, sugerimos-lhe, como actividade de treino, nesta Unidade, a concepção de uma experiência para demonstração de um fenómeno tão simples como a «gravidade», por exemplo, e em que os visitantes possam intervir activamente nessa demonstração.

XII. Museus de Região

Objectivos da aprendizagem:

Após o estudo desta Unidade, o aprendente deverá estar apto a:

- compreender a evolução do conceito «museu de região», situando-o no quadro da museologia portuguesa;
- definir os objectivos deste tipo de museu a partir das noções de «região», «área geográfica», «ecomuseu» e «identidade regional»;
- associar personalidades, instituições e organismos à existência de museus de região e determinar os seus objectivos;
- perceber as causas da diversidade temática das colecções neles existentes;
- determinar não só a importância da existência de um «museu de região» para as populações locais, bem como avaliar as potencialidades pedagógicas que encerra.

Para acompanhar o estudo desta Unidade, visiona o videograma sobre **Museus de Região**, da autoria de António José C. Maia Nabais, assim como os diapositivos referentes a este tipo de museus.

Proposta de actividades:

Considere a seguinte situação:

Imagine que está a passar férias numa cidade do interior do País e que, durante esse período de lazer, essa própria cidade no seu conjunto, alguns monumentos, sítios, paisagens, ..., o espaço circundante despertou a sua atenção pela antiguidade, exotismo, beleza, ...

Neste contexto, é-lhe proposta a elaboração de um Projecto de Circuito Turístico em que refira pontos de grande interesse cultural da região, tais como: monumentos vários situados dentro e ou no espaço envolvente da cidade, nomeadamente pelourinhos, igrejas, capelas, cruzeiros, estátuas, edifícios, miradouros, museus, zonas termais, praias, localização de restaurantes com ementas regionais, etc.

Permita recordar-lhe que as noções de «património cultural» e «identidade cultural» abrangem um leque muito variado de bens móveis e imóveis. Na construção deste seu Projecto de Museu de Região terá de caracterizá-la, pela especificidade única que revela e distingue das outras, dando destaque à sua «identidade cultural».

2. VIDEOGRAMAS

1. Aproximação à História do Museu em Portugal (Primeira Parte)

Autoria: *Isabel M. Martins Moreira*
Paulo Oliveira Ramos
Tecnólogo Educativo: *Couceiro Neto*
Realização: *José Bidarra*
Duração: 13 minutos

Museologia. História dos Museus. Coleções. Portugal. Séculos XVIII-XX. Liberalismo.

2. Aproximação à História do Museu em Portugal (Segunda Parte)

Autoria: *Isabel M. Martins Moreira*
Paulo Oliveira Ramos
Tecnólogo Educativo: *Couceiro Neto*
Realização: *José Bidarra*
Duração: 17 minutos

Museologia. História dos Museus. Portugal. Século XX. 1.ª República. Legislação. Estado Novo. Ideologia. Etnografia. «Exposição do Mundo Português». Nova Museologia.

3. Museus na Actualidade

Autoria: *António José C. Maia Nabais*
Tecnólogos Educativos: *Couceiro Neto*
Ana Maria Parente
Realização: *José Bidarra*
Duração: 30 minutos

Museologia. História dos Museus. Portugal. Século XX. Nova Museologia. Museus de Empresa. Ecomuseus. Património industrial.

4. O Objecto como Gerador de Informação

Autoria: *Fernando Bragança Gil*
Tecnólogo Educativo: *Couceiro Neto*
Realização: *Elisa Antunes*
Duração: 17 minutos

Museologia. Museus de Ciência e Técnica. Coleccionismo. Função do objecto.

5. Tratamento Museográfico

Autoria: *Maria Beatriz Rocha-Trindade*
Fernando Bragança Gil
Ana Isabel Palma dos Santos
Fernando António Baptista Pereira
Tecnólogos Educativos: *Couceiro Neto*
Lurdes Camacho

Realização: *José Mexia*
Duração: 21 minutos

Museologia. Coleções. Acervo histórico. Tratamento museográfico.

6. A Exposição

Autoria: *António José C. Maia Nabais*
José Maria Cruz de Carvalho
Tecnólogos Educativos: *Couceiro Neto*
Lurdes Camacho

Realização: *José Bidarra*
Duração: 27 minutos

Museologia. Museografia. Comunicação museológica. Tipos de exposição. Equipas de trabalho. Interdisciplinaridade.

7. Arquitectura de Museus

Autoria: *José A. F. Sommer Ribeiro*
Luís Efrem Elias Casanovas
Tecnólogo Educativo: *Ana Maria Parente*
Realização: *José Bidarra*
Duração: 17 minutos

Museologia. Arquitectura de Museus. Conservação. Segurança. Equipas de trabalho. Interdisciplinaridade.

8. Museus de Arte

Autoria: *Fernando António Baptista Pereira*
Tecnólogo Educativo: *Couceiro Neto*
Realização: *José Mexia*
Duração: 22 minutos

Museologia. Museus temáticos. Coleções de Arte. Monumentos.

9. Museus de Arqueologia

Autoria: *Luís Raposo*
Tecnólogo Educativo: *Couceiro Neto*
Realização: *Elisa Antunes*
Duração: 29 minutos

Museologia. Museus temáticos. Coleções de arqueologia.

10. Museus de Ciência e Técnica

Autoria: *Fernando Bragança Gil*
Tecnólogos Educativos: *Couceiro Neto*
Ana Maria Parente
Realização: *Elisa Antunes*
Duração: 25 minutos

Museologia. Museus de Ciência e Técnica. Coleções temáticas. Património industrial.

11. Museus de História Natural

Autoria: *António Galopim de Carvalho*
Tecnólogos Educativos: *Couceiro Neto*
Ana Maria Parente
Realização: *José Bidarra*
Duração: 17 minutos

Museologia. Museus de História Natural. Ciências da Natureza.

12. Museus de Região

Autoria: *António José C. Maia Nabais*
Tecnólogo Educativo: *Couceiro Neto*
Realização: *Ana José Martins*
Duração: 27 minutos

Museologia. Portugal. Séculos XIX-XX. Museus regionais. Participação da população. Ecomuseu.

3. ÍNDICE IDEOGRÁFICO

NOTA EXPLICATIVA PARA CONSULTA DOS ÍNDICES

Estes índices foram elaborados com o objectivo de facilitar ao aprendente o cruzamento dos conteúdos apresentados no texto-base – o manual – e no suporte audiovisual desta disciplina, constituído pelos videogramas e pela colecção de diapositivos. Assim, cada conceito ou autor poderá ser localizado no manual a partir do número do capítulo, seguido do número da página e no videograma através do respectivo número.

Exemplifiquemos:

Gabinete de curiosidades, IX - 204; X - 234; v8; v9

Perante esta referência ficará desde logo a saber que o tema *Gabinete de curiosidades* está desenvolvido no capítulo IX - página 204; no capítulo X - página 234 e nos videogramas (v) 8 e 9.

Os diapositivos estão referenciados no caderno de apoio em cada capítulo consoante a temática que está a ser desenvolvida.

- Acervo, I - 21; I - 42; v4; v9
- Animação cultural, I - 54
- Antropologia, v1; v8
- Arqueologia, II - 69; XII - 260; v1; v2; v3; v5; v8
- animações museais, IX - 208
 - centros museológicos, IX - 203
 - ciência histórica, v9
 - colecções, VIII - 193; IX - 204; IX - 210; v9
 - da arte, I - 39
 - discurso museológico, IX - 206; IX - 211
 - escavações, I - 36; IX - 203; IX - 204
 - espaço museográfico modelo regional, v9
 - estações arqueológicas, IX - 211; v9
 - estudo do quotidiano, IX - 203
 - estudos arqueológicos, v9
 - exposição, IX - 205
 - gabinetes municipais, v9
 - industrial, I - 39; I - 61; III - 82; v1; v4; v10
 - moderna, IX - 204; IX - 214
 - museu misto, IX - 213
 - museu nacional, v9
 - museu regional modelo, v9
 - museus de sítio, IX - 208; IX - 210; IX - 211
 - museus didácticos, IX - 217
 - museus especializados, IX - 207
 - museus locais, IX - 208; IX - 213; IX - 217; IX - 218
 - museus mistos, IX - 207; IX - 217
 - museus monográficos, IX - 208; IX - 211; IX - 217; IX - 218
 - museus nacionais, IX - 209; IX - 217
 - museus polinucleados, IX - 215
 - museus regionais, I - 36; IX - 208; IX - 215; IX - 217
 - museus universitários, IX - 215
 - objecto, IX - 205
 - património, IX - 203
 - pesquisa, IX - 203
 - Plano Museológico Nacional, IX - 209
 - projectos de musealização, IX - 212
 - restauro, v9
 - ruínas, v9
 - sítios, IX - 211; v9
 - sítios musealizados, IX - 208
 - tratamento museológico, IX - 212
 - unidades museológicas, IX - 214; v9
- Arqueólogo, IX - 204; IX - 205; v9
- Arquitectura paisagística, IX - 207
- Arte, XII - 260; v2; v3
- Arte moderna, VIII - 197
- Autarquias, II - 65; II - 66; II - 71; IX - 214; XII - 259; v3; v12
- Bens culturais, IX - 204
- Botânica, v11
- Casa do Povo, v2
- Casa-museu, I - 49; v2
- Catálogo, I - 34; I - 40; I - 41; I - 43; I - 47; I - 58; IV - 101
- Centros de ciência, XI - 251
- Ciência histórica: renovação, IX - 203
- Ciências Naturais, X - 231; v11
- Coleccionismo, II - 65; VI - 149; v6; v8
- Colecções, v3; v8
- de arte, VIII - 191; v2
 - de arte contemporânea, VIII - 187
 - de arte moderna, VIII - 197
 - inventário, IV - 92
 - arqueológicas, IX - 204; v2
 - conservação, v2
 - curiosidades, I - 81
 - diversidade temática, IV - 117; v9
 - estudo exaustivo, VI - 151
 - histórico-naturais, I - 23
 - nacionalização, VIII - 196
 - particulares, VIII - 192
 - públicas, VIII - 192
 - reais, v8
 - tipologia, VIII - 194
- Conservador de museu, v7
- Conventos, v8
- Dinamismo cultural, I - 47
- Ecomuseu, II - 65; II - 66; II - 67; VI - 151; XII - 262; v2; v12
- fins didácticos, II - 67; II - 68
 - identidade, II - 68
 - localização, v12
 - núcleos museológicos, II - 70; XII - 262

- pólos temáticos, II - 68
- recursos locais, II - 68
- uso social, II - 69
- desenvolvimento, II - 67
- tipologia, II - 67
- Ecossistema, v2
- Educação artística, I - 44
- Educação da Mocidade, I - 22
- Educação popular, I - 42
- Enciclopedismo, I - 21; VI - 149
- Ensino artístico, I - 45
- Ensino industrial, I - 38
- Equipa pluridisciplinar, VI - 152
- Estado Novo, I - 49
 - balanço da actividade museológica, I - 56
 - Era da Restauração, I - 49; I - 50
 - ideologia, I - 53; I - 54; v2
 - obras públicas, v2
 - património, v2
 - prática museológica, I - 50
 - quadro museológico, I - 50
- Etnografia, IX - 205; XII - 259; v1; v2
 - exposições de etnografia comparada, I - 54
 - metropolitana, v2
 - museu etnográfico moderno, I - 52
 - museus rurais e etnográficos, I - 52
- Etno-história, v9
- Etnologia, IX - 210; XII - 259; v1; v3
 - portuguesa, I - 41
- Exomuseu, X - 238
- Expansão portuguesa no Mundo, I - 58
- Expedições científicas, I - 23
- Exposição, V - 139; V - 140; V - 141; v8; v9
 - apresentação, V - 140; v9
 - bienal pública, I - 32
 - comunicação museológica, V - 137
 - condições ambiente, VII - 163
 - de arqueologia, IX - 205
 - discurso arqueológico-museológico, IX - 204; IX - 206
 - discurso expositivo, V - 140
 - equipa pluridisciplinar, V - 141
 - espectáculo multimedia, IV - 89
 - exercício de imaginação, IV - 98
 - exposições interactivas, XI - 251
 - iluminação, V - 142
 - integrada e participável, v1
 - itinerante, XI - 253
 - linguagem museográfica, v11
 - materiais arqueológicos, IX - 205
 - meio de comunicação, V - 143
 - natureza interactiva, XI - 251
 - níveis de comunicação, X - 232
 - permanente, I - 38; I - 39; VI - 155; X - 231; XI - 253; v6
 - programa científico, V - 141
 - reconstituição de ambientes, X - 236; v11; v12
 - recreação cultural, V - 141
 - robótica, X - 238
 - segurança, V - 142
 - temporária, I - 58; X - 231; IV - 98; VI - 156; VIII - 197; IX - 205; XI - 253; v6
 - tipologia, V - 138
- Exposições anuais agrícolas e industriais, I - 39
- Formação do gosto, I - 35
- Gabinete de curiosidades, IX - 204; X - 234; v8; v9
- Gabinete de raridades, I - 32
- Gabinetes e Galerias, v1; v8;
- Gabinetes privados, I - 22
- Galerias de curiosidades, X - 234; v11
- Galerias de estudo, V - 139; v6
- Galerias de história natural, X - 234; X - 235
- Geologia, v11
- Gosto do belo, I - 31
- História local, v2
- História Natural, I - 22; XII - 259; v1; v3; v10; v11
- Humanismo, VIII - 191
- Ideologia ruralista, I - 52
- Indústria, XII - 259
 - ensino, I - 36; v1
 - exposições, v1
 - Grandes Exposições da Indústria Moderna, I - 38
 - monumentos, II - 66
 - museus industriais, I - 38; v10
 - nacional, I - 34

- património, II - 71
- vidreira, I - 55
- Informatização, IV - 95
- Instituição paramuseologia, V - 137
- Instrução, I - 41
 - da Mocidade, I - 22; I - 24; I - 36
 - dos Artistas, I - 34
 - pública, I - 22; I - 30
- Interactividade, III - 79; III - 82; X - 237; X - 238; XI - 249; XI - 251; v9; v10; v11
- Interdisciplinaridade, IX - 205; X - 233; XII - 263; v1
- Inventário, I - 39
- Jardim de estudo, I - 25
- Jardins botânicos, II - 66
- Jardins zoológicos, II - 66
- Legislação da 1.ª República, I - 45; I - 48; v2
- Liberalismo, v1; v8
- Memória, IX - 206; v1; v4
 - circuito, III - 81
 - colectiva, II - 67; II - 69; VIII - 191; XI - 250; v3; v5; v8; v9; v12
 - histórica, IX - 203
 - projecto colectivo de vida, v1
 - técnica, económica, social e cultural, v10
 - testemunhos do passado, III - 79
 - vestígios do passado, v4
- Moinhos de maré, v3
- Monumentos, v2
 - históricos e arqueológicos, II - 66
 - musealização, VIII - 196
- Mosteiros: musealização, VIII - 196
- Multidisciplinaridade, XII - 263
- Municípios, XII - 260
- Museografia, I - 26; I - 43; I - 45; II - 69; VI - 150; v1; v2; v3; v8; v9; v11; v12
 - comunicação visual, v3
 - critérios de exposição, III - 79; v3; v5; v6; v8
 - discurso expositivo, v1; v6
 - espaços públicos, v7
 - exposições interactivas, III - 83
 - experiências museais, I - 36; I - 61
 - experiências museográficas, I - 54
 - intervenção urbana, v12
 - linguagem museográfica, I - 59
 - museus de arte, VIII - 198
 - necessidades museográficas, I - 52
 - núcleos museográficos, I - 52
- Museologia, II - 72; v3; v4; v11; v12
 - activa, II - 69; II - 72
 - comunicação visual, II - 73
 - das ciências e das técnicas, III - 82
 - descentralização (séc. XIX), v12
 - discurso, II - 72; v3; v7; v9
 - espaços museológicos, I - 24; v7
 - estruturas, v12
 - explosão museológica em Portugal, I - 52; II - 66
 - funções da investigação, IV - 90
 - instituições, III - 81
 - intervenção, v12
 - moderna, IV - 89; V - 139; XI - 249
 - novas práticas, II - 65; II - 69; II - 72; v2; v3
 - panorama museológico nacional, I - 56
 - património, II - 65; II - 66
 - Plano Museológico Nacional, v9
 - portuguesa, I - 42; II - 66; II - 69; II - 71; v2; v3
 - preceitos museológicos, I - 57
 - projectos museológicos, I - 26
 - representação museológica, I - 52
 - ruralidade, II - 71
 - temáticas, v2
 - urbana, II - 71
- Museólogo, I - 47; II - 66; V - 141; VII - 163; VII - 179; IX - 205; X - 233; v3; v6
- Museu, I - 43; II - 65; II - 69; II - 73; III - 79; III - 80; IV - 89; VI - 149; X - 232; X - 233; XII - 260; v1; v3; v8; v9; v10; v11
 - acção cultural e educativa, II - 65; v2
 - acção pedagógica, I - 57; X - 238; v1
 - agente de modernização, v2
 - alargamento da noção de património cultural, I - 61
 - alargamento de conceito, I - 62
 - ambulante, I - 39; I - 43
 - animação cultural, II - 72
 - apoio ao ensino nas escolas industriais, I - 39

- área de serviços públicos, v7
- área envolvente, II - 71
- armazém, V - 137; X - 235; XII - 260
- arqueológico industrial, v10
- arqueológico municipal, IX - 215
- arquitectura, VI - 151
- arquivo, X - 235
- arte, II - 66; IV - 117; VIII - 191; VIII - 198
- carácter universalista, I - 58
- centro activo de ensino, I - 60
- centro de educação, I - 59
- ciência e tecnologia, v4
- classificação, IX - 207
- clínico, VI - 150
- comunitário, II - 65
- conservação, VII - 163; v5
- criação, II - 66
- criação museal, I - 24; I - 28
- de ar livre, II - 65
- de arqueologia, II - 66; III - 81; VIII - 198; IX - 204; IX - 205; IX - 206; IX - 207; IX - 216; v9
- de arquitectura, IX - 207
- de arte, VIII - 192; v8
- de Arte e Arqueologia, I - 46
- de artes plásticas e arqueologia, v5
- de Ciência e Técnica, II - 66; III - 79; X - 231; X - 233; XI - 247; XI - 248; XI - 249; XI - 251; XI - 253; XI - 254; v3; v10
- de empresa, II - 65; II - 66; II - 72; IX - 213; v2; v3; v9; v10
- de etnologia e antropologia, II - 66
- de etnologia, III - 81; v9
- de História, VIII - 198; v8
- de História Natural, X - 231; X - 233; X - 234; X - 237; XI - 248; XI - 249; v11
- de região, I - 46; II - 65; II - 72; XII - 259; XII - 262; XII - 263; v3; v12
- de sítio, v9
- de vizinhança, II - 65
- dependência administrativa, II - 65
- descentralização museológica, XII - 259
- desenvolvimento comunitário, II - 72
- difusão de conhecimentos, I - 60
- dinâmico, I - 60
- discurso cultural, V - 141
- distrital, XII - 259
- divulgação científica, X - 231
- divulgação cultural, I - 57; v10
- do Homem, IX - 209
- do Homem Português, IX - 210
- e monumentos, VIII - 195
- educação permanente, XI - 253
- ensino das classes populares, I - 47
- escolar, I - 49
- espaço envolvente, II - 67; v2
- espaço físico, VI - 153; VIII - 195; v2; v5; v7; v10
- espaço privado, IV - 97; VI - 157
- espaço público, IV - 97; VI - 154; VI - 155
- especializado, II - 66; VIII - 196; IX - 207
- espécies museológicas, II - 66
- estabelecimentos museais e para-museais, I - 28; I - 58
- etnográfico, I - 51; I - 52; IX - 205; v2
- expressão museal, I - 30
- extensão cultural, XI - 253
- factores de degradação, VII - 163
- funções, I - 35; I - 58; III - 81; IV - 99; IX - 211
- geral, II - 66
- história museal portuguesa, I - 55
- história natural, v1
- histórico, I - 45; I - 47; I - 48; III - 81
- identidade, II - 66
- iluminismo, I - 21
- imagem permanente, I - 35
- industrial, I - 33; I - 38; I - 39
- instalação, I - 42
- instituição museal, II - 65; v3
- instituição museológica, II - 65
- instituição paramuseológica, v6
- interactivo, XI - 252
- interesse da população local, v3
- investigação científica, I - 60; I - 233; v3; v9
- local, II - 65; II - 68; II - 71; II - 72; v1; v3; v9; v12
- localização, I - 41; I - 57; III - 80; v7; v12
- meio de comunicação, v6
- mensagem cultural, III - 79

- misto, II - 68; XII - 260
- monumento histórico, II - 70
- municipal, I - 51; II - 71
- municipal e/ou regional, I - 49
- musealização, II - 70
- nacional, I - 51; I - 56; I - 60; II - 65; v1; v2; v8; v10
- nacional de arqueologia: concepção, IX - 209
- nova imagem, II - 73
- núcleos museográficos, v10
- núcleos museológicos, II - 67; v3; v12
- objectivação do visível, v1
- objectivos, v3
- objectos, v5
- objectos musealizados, v9
- objectos museológicos, III - 79
- oficial, I - 57
- organismo cultural, V - 139
- organismos vivos, I - 57
- órgão impulsor de investigação, I - 59
- papel educativo, V - 138; v10
- passivo, I - 47
- poluição, VII - 166
- popular, I - 52
- privado, VIII - 193
- programa, VI - 152; VI - 153
- programa museológico, VIII - 194
- projecto museal, I - 28; I - 30; I - 54
- propagar conhecimentos, I - 29
- provincial, XII - 259
- público, I - 31; I - 35
- quadro pré-museal, I - 21
- rede de museus nacionais e regionais, I - 56
- rede estatal, I - 51; I - 56; VIII - 192; v8
- rede regional, VIII - 194
- regional, I - 32; I - 36; I - 46; I - 51; II - 66; XII - 261; v1; v2; v9; v10; v12
- renovação, II - 66; II - 72; II - 73
- repercussões museais, I - 61
- reservas, V - 139; VI - 158; v5; v6
- segurança, IV - 100; VI - 158; VII - 163; VII - 173; VII - 178; VII - 179; v5; v7
- serviços de apoio, IX - 207
- Serviços Educativos, v2
- tratamento museológico, I - 39
- vandalismo, VII - 179
- vivo, VI - 152
- Museus da República, I - 44
- Museus universitários, I - 24; IX - 215
- Nacionalismo, I - 52
- Nova História, IX - 203; v9
- Nova Museologia, II - 65; v2
- Novas Tecnologias, X - 237
- Objecto artístico, VIII - 198
- Objecto: inventariação, IV - 111; IV - 118
- Objecto museológico: proveniência, v4
- Objecto: tratamento informático, IV - 111
- Património
 - arqueológico, IV - 100; IX - 203
 - científico e tecnológico, XI - 251; v10
 - conservação, I - 45; III - 80; v1; v2
 - construído, v12
 - cultura material, I - 62; III - 80
 - cultural, I - 61; II - 69; II - 71; IX - 203; IX - 214; X - 238; v9
 - diversidade temática, v3
 - equipamento científico, III - 80
 - gestão do património cultural, I - 49
 - histórico e artístico, v2
 - industrial, I - 39; II - 68; v2; v3
 - móvel, v8
 - mundial, v8
 - museológico, II - 65; II - 66; V - 140; XII - 263; v3, v12
 - nacional, v2
 - natural, IX - 215; X - 238; v11
 - náutico, II - 67; II - 68
 - preservação, v12
 - rural, II - 71; v3
 - valor dos objectos, IV - 91
 - valorização, II - 67; v3; v12
- Produções do Reino Vegetal, I - 25
- Regionalização: República, I - 48
- Restauro, IV - 96; VI - 157; v5
- Revolução Francesa, v8
- Século das Luzes, I - 23

Sítios históricos, II - 66; v2; v11
Tempo: noção, v1
Testemunho do passado, v1
Testemunhos de sociedades diferentes, v1
Tratamento museográfico, IV - 89
Traços culturais, v2
Viagens filosóficas, I - 23; v1
Viajantes estrangeiros, I - 23; I - 24
Vila Museu, II - 69; v2
Visitantes, I - 29; I - 31; I - 34; I - 35; I - 38; I - 39; I - 40;
I - 41; I - 43; I - 47; I - 57; I - 68; II - 71; III - 79;
V - 140; IX - 204; IX - 205; X - 234; XI - 249; v1; v2;
v9; v10; v11
– diversidade, II - 72; VI - 154; v2; v3; v6; v7; v10
– espectadores, VIII - 198
– motivações, IX - 212
Visitas guiadas, I - 43; I - 58; v7
Zoologia, v11

4. ÍNDICE ONOMÁSTICO

- A. Estácio dos Reis, III - 82
A. H. de Oliveira Marques, I - 44
Adília Alarcão, IX - 205; IX - 211
Adolfo Coelho, I - 58
Adrien Balbi, I - 23
Afonso Costa, I - 45
Afonso Lopes Vieira, I - 49
Alexandre Rodrigues Ferreira, I - 23; v1
Alfredo Keil, I - 43; I - 44
Álvaro Viana de Lemos, XII - 260
Amadeu Souza-Cardoso, VIII - 197
André de Resende, I - 21; VIII - 191
Ângela Domingues, I - 23
Angelo Donati, I - 23
Anselmo Braamcamp Freire, I - 47
António Augusto de Aguiar, I - 38; v1
António dos Santos Rocha, I - 36; I - 38; v1; v12
António Ferro, I - 50; I - 53; v2
António Gomes da Rocha Madahil, XII - 260; XII - 264
António José de Almeida, I - 45
António Nunes Ribeiro Sanches, I - 22
António Tomás Cabreira, I - 47
Augusto Filipe Simões, I - 36
Azevedo Gomes, I - 45
Benjamim Pereira, IV - 90
Bernardino Machado, I - 40; I - 45; IX - 210; v9
Brito Camacho, I - 45
Calouste Gulbenkian, VIII - 193
Cândido José Xavier, I - 33
Carlos Almaça, I - 23
Carlos Mardel, v10
Carlos Reis, I - 47
Carlos Ribeiro, IX - 210; v9
Cláudio Torres, II - 70
Columbano Bordalo Pinheiro, I - 47
Conde de Santar, I - 49
Contineli Telmo, v2
Coronel Mário Cardoso, IX - 210
D. António Caetano de Sousa, I - 21
D. C. Sanches de Frias, I - 32
D. Fernando de Almeida, IX - 210; IX - 214; v9
D. José Pessanha, I - 48; I - 49
D. Maria II, I - 32
D. Pedro IV, I - 30; VIII - 194; v1
D. Sebastião Pessanha, I - 52
Dagoberto Markl, VIII - 191
Delfim Guedes, I - 40
Diogo de Macedo, I - 47
Domingos Vandelli, I - 23; I - 33; v1
Duarte Pacheco, v2
Eduardo Allen, I - 34
Eduardo Freire de Oliveira, I - 48
Elvino de Brito, I - 39
Ernesto Veiga de Oliveira, I - 21; I - 42; I - 58; I - 59;
IV - 94; IV - 97
Estácio da Veiga, I - 36; I - 40; IX - 208
F. D. d'Almeida e Araujo, I - 28; I - 29
Fernando António Baptista Pereira, VIII - 195
Fernando Bragança Gil, III - 79
Fontes Pereira de Melo, I - 36
Gabriel Pereira, I - 36; I - 42; I - 48
Garry Thomson, VII - 163
Geoffroy Saint-Hilaire, I - 23
Georges Henri Rivière, I - 36; II - 67; II - 69; VI - 151;
VIII - 191; IX - 207
Georges Peter Murdock, IV - 95
Germain Bazin, IX - 209
Gustavo de Matos Sequeira, XII - 260; v12
Henri Frederick Link, I - 23; I - 24
Henrique Coutinho Gouveia, I - 32; I - 46; I - 51; I - 52
Henrique Galvão, I - 50
Hugues de Varine, II - 67; v3
Irisalva Moita, I - 47; XII - 262
Isabel Pereira, I - 37
J. Lúcio de Azevedo, I - 49
Jacques Le Goff, IX - 203
Jaime Cortesão, I - 54
Jean Davallon, V - 140
João Allen, I - 34; VIII - 194
João Baptista Ribeiro, I - 31; I - 35; v1
João Beare, I - 55
João Couto, I - 47; I - 51; I - 56; I - 57; II - 65; V - 137;
V - 139; VII - 163; VIII - 193; VIII - 195; XII - 260;
v2; v6

- João da Silva Feijó, I - 23
João Jacinto de Magalhães, I - 24
João Rodrigues Pereira de Almeida, I - 29
Joaquim de Vasconcelos, I - 39
Joaquim José da Silva, I - 23
Joaquim Manuel Bouça, II - 70
Joel Serrão, I - 30
Jorge Custódio, I - 39; I - 55; III - 82
Jorge Dias, I - 58; v2
José de Figueiredo, I - 47; I - 49
José Leite de Vasconcelos, I - 21; I - 40; I - 41; I - 45;
I - 58; IX - 209; v1; v9
José Lopes Cordeiro, I - 39
José M. Amado Mendes, I - 61
José Paulo Pereira, XII - 261
José Pedro Machado, I - 27
José Relvas, I - 45
José Ribeiro, I - 50
José Silvestre Ribeiro, I - 24; I - 25; I - 29; I - 30; I - 34; I - 40
José-Augusto França, I - 47; I - 59
Joseph Rollem Van-Deck, I - 24
Kenneth Hudson, II - 66; II - 67; II - 68; II - 73
Ladislau Netto, I - 29
Luís António Verney, I - 22
Luís Chaves, I - 51; I - 52; I - 53
Madalena Brás Teixeira, I - 21; VIII - 191; VIII - 192
Manuel de Paiva Pessoa, XII - 261
Manuel Galvão da Silva, I - 23
Manuel Heleno, IX - 210; v9
Manuel Passinhas da Palma, II - 70
Manuel Severim de Faria, I - 21
Manuel Valadares, VII - 163
Manuela Cabral, I - 57
Margarida Acciaiuoli, I - 49
Maria Alice Faria, XII - 263
Maria Clara de F. Camacho, II - 71
Maria José de Mendonça, VI - 151; v7
Maria Teresa Gomes Ferreira, I - 60
Maria Teresa Viana, I - 39
Mário Silva, I - 33; I - 60;
Mário Tavares Chicó, I - 48
Mário Vario Varela Gomes, IX - 207
Marquês de Pombal, I - 21; I - 22; I - 24; I - 25; XI - 248; v1
Marquês de Sousa Holstein, I - 42; v1
Martinho de Melo e Castro, I - 22
Martins Sarmiento, I - 36
Napoleão, I - 23; VI - 149
Natália Correia Guedes, VIII - 192
Nery Delgado, IX - 210; v9
Oliveira Salazar, I - 49; I - 54; v2
Passos Manuel, I - 30; I - 32; I - 33
Pedro Batalha Reis, I - 26
Pedro Vitorino, I - 31; I - 35
Per-Uno Agren, I - 67
Pero Vaz de Caminha, I - 21
Pierre Mayrand, II - 67
Pinho Leal, I - 34
Princesa Rattazi, I - 25
Rainha D. Amélia, I - 44; VIII - 192; v8
Rainha D. Leonor, VIII - 195; v8
Raúl Lino, I - 49
René Rivard, II - 67
Roland Barthes, IX - 203
Rómulo de Carvalho, I - 21; I - 23; I - 24; I - 25; I - 26
Silva Tavares, I - 50
Sousa Viterbo, I - 39; I - 40; v1
Teixeira Lopes, VIII - 197
Tito de Sousa Larcher, XII - 260
Veiga Simão, I - 60
Vergílio Correia, XII - 261; v12
Virgílio Lopes, II - 70
Visconde de Santarém, I - 49
William Beckford, I - 24; XI - 248

Composto e maquetizado
na **UNIVERSIDADE ABERTA**

Impresso e acabado
na GRAFITON, com a tiragem de 1000 exemplares

Lisboa, Setembro de 1994

Depósito Legal n.º 80.219/94